

**Arte e Cultura na Produção de Saúde:
ativação da sensibilidade, promoção de encontros e invenção de mundos.**

Elizabeth Araújo Lima

Introdução

No texto “Práticas ecosóficas e restauração da cidade subjetiva” Felix Guattari (1994) diz que “o ser humano contemporâneo está fundamentalmente desterritorializado. Seus territórios existenciais originários – corpo, espaço doméstico, culto - já não se assentam sobre um terreno firme, mas se aferram a um mundo de representações precárias e em perpétuo movimento”. Tudo circula hoje em dia, mas apenas para ficar sempre no mesmo lugar, já que tudo é intercambiável. A subjetividade fica, assim, ameaçada de petrificar-se. Perdemos o gosto pela diferença, pelo imprevisível, pelo acontecimento singular, ao mesmo tempo em que uma enorme angústia nos assola. Os programas de televisão, as celebridades, os espetáculos, diz o filósofo, atuam como drogas neurolépticas que previnem a angústia ao preço da infantilização e da desresponsabilização.

Este quadro de adoecimento generalizado que é cada vez mais o nosso, invade também os espaços que deveriam ser espaços de saúde. Gastão Campos (2005) nos diz que há um processo de burocratização e, em muitos casos, até mesmo de embrutecimento das relações interpessoais que gera violência e invade os espaços da vida e do trabalho, ameaçando também o Sistema de Saúde. É este processo que uma política de humanização na saúde vem combater. Para Campos (2005) a humanização é um conceito que tem um potencial para se opor à tendência cada vez mais competitiva e violenta da organização social contemporânea, mas que para tanto, depende da possibilidade de ampliação do grau de desalienação e da transformação do trabalho em processo criativo e prazeroso.

De fato, para enfrentar e combater o adoecimento contemporâneo que para Guattari (2004) atravessa todas as esferas da vida – subjetiva, relacional e ambiental -, ameaçando o próprio porvir da vida no planeta, temos que buscar nossas armas. Para o filósofo, não podemos pretender recompor uma terra humanamente habitável sem reformular as finalidades econômicas e produtivas de nossa atividade humana, sem reformular nossas práticas sociais, culturais, artísticas e mentais.

E onde encontrar as armas para a reformulação profunda que é preciso empreender? Nos lugares mais diversos e inusitados. Entre eles, nas estratégias e tecnologias de resistência que são forjados, por toda parte, e se encarnam em territórios transculturais, transversalistas, que desenham saídas para a atual situação a que estamos todos presos.

Muito de nossa produção artística e cultural tem experimentado saídas. Essas experimentações acabam por constituir mapas de outros modos de viver, de se relacionar, de produzir saúde. É preciso que nos contaminemos por eles, nos deixemos atravessar pelas centelhas de vida que deles emanam. Em outro texto Guattari (1986) nos diz que para curar essa subjetividade dopada e em vias de petrificação seria preciso que receitássemos poesia como se receitam vitaminas.

A poesia está muito próxima da produção de saúde. Temos no Brasil uma longa história de atravessamentos entre a produção cultural e as práticas em saúde. Já na década de 20 do século passado enquanto Mário de Andrade escrevia um livro intitulado *Namoros com a medicina*, o psiquiatra Osório César publicava críticas de arte nos jornais. Algum tempo depois, Nise da Silveira estimulava e produzia a primeira montagem de um texto de Artaud no Brasil, dentro de um Hospital Psiquiátrico, enquanto o crítico de arte Mário Pedrosa desenvolvia a idéia de que a principal finalidade de uma ocupação artística persistente e sistemática não é a produção de obras primas; o mais importante, dizia o crítico, é o que adquire com tais atividades a pessoa que a realiza, o que essas atividades produzem numa vida. (Lima, 2009).

O que uma ocupação artística pode produzir numa vida? Talvez saúde. Nela um tipo especial de saúde é experimentado. Uma saúde relacionada com o viver, que envolve criação de si e de mundo. Saúde como a possibilidade de exercitar, na própria vida, a criatividade.

Trata-se aqui de uma noção ampliada de criatividade. Não estamos falando de uma habilidade desejada e quase que exigida pela competição no mercado de trabalho. Mas de uma experiência que remete a algo mais essencial, que não tem necessariamente um caráter espetacular e que muitas vezes se revela em acontecimentos muito sutis e quase invisíveis.

Para Winnicott (1975) a saúde está relacionada com a possibilidade de experimentar essa criatividade e com a capacidade de ter experiências

culturais. Para este autor a ausência de uma relação criativa com a vida é uma espécie de doença. A doença de nos relacionarmos com o mundo como algo pronto e definido, ao qual devemos nos adaptar ou seremos excluídos. Criar, por outro lado, nos possibilita sentir a plasticidade do mundo, suas possibilidades de transformação. Esta é uma experiência essencial para todos os envolvidos na produção de saúde: usuários, trabalhadores, comunidade, gestores.

Isto é, tomando a vida e não a ausência de doença como valor, a saúde não pode ser pensada sem levarmos em consideração as trocas sociais, o acesso e a circulação pelo mundo da cultura, como algo que pertence ao fundo comum da humanidade, para o qual todos, indivíduos e grupos podem contribuir e do qual todos deveríamos ter o direito de usufruir. A idéia de saúde aqui está relacionada à ampliação da capacidade de realizar conexões, de afetar e ser afetado, ampliar as potências do agir e do fazer, adquirir maior plasticidade, abrir o campo de possibilidades.

Para produzir uma tal saúde temos que lançar mão de ferramentas as mais diversas e abrir nossas práticas para que elas sejam atravessadas por produções do campo cultural. Estas hibridações entre práticas clínicas e culturais ativam singularidades e provocam a imersão num plano coletivo como plano transindividual a partir do qual se pode instaurar a dimensão pública de qualquer política, seja ela de saúde, seja ela cultural. (Benevides & Passos, 2005).

Gostaria de aproveitar nosso tempo hoje para nos aproximarmos rapidamente de uma trajetória artística que desenha uma infinidade de linhas que nos ajudam a compreender e afirmar as múltiplas relações entre produção de saúde e prática cultural. Linhas que apontam para desdobramentos ainda por efetuarem-se em nossa cultura. Estou falando da poética de Hélio Oiticica.

Dimensões clínicas e políticas da poética de Hélio Oiticica

Hélio Oiticica fez parte de uma geração de artistas brasileiros que, nos anos 50 e 60, propunham a abertura do campo estético pela invasão das ações da vida. (Favaretto, 2000). O que motivou sua trajetória estética foi a solução de um problema ético-político: a libertação do homem de suas coações internas e externas e o exercício experimental da liberdade, o que o levou a

realizar um esforço constante para despertar no outro e fazer viver a potência de criação. Hélio entendia que era necessária a construção de ambientes propícios – abrigos poéticos – para que pudéssemos experimentar essa potência de criação; por isso se dedicou à invenção desses ambientes que convidam o visitante a recuperar para si mesmo a experiência de estar no mundo tal como é na nossa vida e para o nosso corpo. A tarefa de construir esses ambientes seria de todos, caberia ao artista inflamar, tocar fogo e *contaminar* as pessoas para que se liberassem de seus condicionamentos.

A intenção de Hélio não era privilegiar ou condicionar a vivência ou o sentido de um espaço, mas dar-lhe aberto para a construção deste sentido pela vivência participativa em proposições abertas. Hélio enxergava aí uma longa e lenta passagem da posição de se querer estetizar o mundo, criar um mundo-arte – que se caracterizaria pela superposição de uma estrutura estética sobre o cotidiano – para uma forma de trabalhar que parte dos elementos desse cotidiano para possibilitar-lhes transformações por suas próprias leis.

Aqui, as estruturas palpáveis e tangíveis existem para propor, como abrigos aos significados, não uma visão para o mundo, mas a construção do *seu mundo*, com os elementos da sua subjetividade, que encontram aí razões para se manifestar.

As proposições e ambientes que inventa, além de atuarem na realidade visível, operam transformações na realidade sensível e criam expressão para aquilo que ainda não encontrou uma forma, mas que atravessa o corpo como força. Mais que tornar visível, expressar essas forças que atravessam os corpos as torna experimentáveis. Instauram-se novas formas de sentir, pensar e encontrar: novas sensibilidades.

O investimento em uma qualidade relacional das propostas artísticas, que só existem nos encontros, e a tentativa de criar proposições que levem a um dilatamento das capacidades sensíveis, tudo isto está, segundo Hélio, associado a argumentos de ordem social, ética e política. Nesta arte ambiental nada é excluído, desde a crítica social até a penetração de situações limites. “Tudo que há de opressivo está em oposição a ela – a posição ‘sócio-ambiental’ é partida para todas as modificações sociais e políticas”. (Oiticica apud Lima, 2009).

Todo o desafio está em reativar nos receptores de suas criações esta qualidade de *experiência estética* : sua potência de ser afetado pelas encontros com o mundo e pelas forças dos ambientes de sua existência cotidiana.

Este trabalho convoca o espectador / participante a um envolvimento através de um tipo de percepção que permite a participação completa nas coisas do mundo e evoca a capacidade de *fazer corpo com*. Neste sentido, pensamos que o desenvolvimento da pesquisa do artista caminhou na direção de engendrar transformações naquilo que estanca os fluxos de uma sociedade e de cada vida, ou, em todo caso, transformações no que pára o movimento, o que é essencial para a saúde coletiva e para a saúde de cada um de nós. Encontramos operando aqui uma política do corpo que é, também, imediatamente clínica: liberação do homem, dilatamento das capacidades sensíveis, experimentação.

Vemos se delinear, nas proposições do artista, um corpo que é ambiente de múltiplas e microscópicas sensações e que se acopla a outros corpos produzindo novos ambientes, numa geografia na qual ambientes dentro de ambientes tecem a trama da vida. (Favre, 2008).

Esta política do corpo e dos corpos é atravessada por um permanente questionamento ético. Uma ética espinosista pautada na pesquisa sobre o que pode um corpo e na possibilidade de organizar os encontros, que diz respeito à capacidade de um corpo de ser afetado por esses encontros que se dão no seu trânsito pelo mundo.

Ao requerer a participação corporal direta do espectador, a obra já implica uma transmutação expressivo-corporal deste. O corpo convocado a se fazer presente e convidado ao gesto e ao ritmo se abre para a descoberta do processo criador. Mas esta descoberta não diz respeito somente ao corpo individual. Como indica Hélio, a descoberta do corpo tribaliza. (Oiticica apud Lima, 2009).

A proteção primeira do corpo, a pele, vai se ampliando para uma proteção coletiva que não é somente a soma das peles individuais, mas guarita global. Este desenvolvimento da poética de Hélio Oiticica se insere numa concepção de arte que ele explicitou no seu *Esquema Geral da Nova Objetividade*. Para o artista o fenômeno da vanguarda no Brasil não poderia ser mais uma questão de um grupo provindo de uma elite isolada, mas uma

questão cultural ampla, tendendo a soluções coletivas. “Com isso - diz ele - verificou-se uma ‘volta ao mundo’, um ressurgimento de um interesse pelas coisas, pelos problemas humanos e pela vida em última análise. (...) é um processo na sociedade como um todo, na vida prática, no mundo objetivo, na vivência subjetiva: ‘ato total de ser’ (...) ‘ato total da vida’”. (Oiticica apud Lima, 2009).

Ao viver e se relacionar com a comunidade da Mangueira, Hélio encontra um mundo no qual a sobrevivência depende de grande atenção às possibilidades da vida. O encontro entre Hélio e esta comunidade os coloca mutuamente em devir. Hélio buscará a partir daí construir ferramentas para a sobrevivência individual e coletiva, minorando sua arte através da invenção de uma trajetória extremamente singular que desenha linhas de escape para os impasses da vida no contemporâneo.

Inventando ferramentas para nossa sobrevivência individual e coletiva e para a superação de nossa condição de miséria, Hélio sonha um novo mundo. “para que – nas suas palavras – o futuro não seja uma repetição desse ou pior”. (Oiticica apud Lima, 2009).

Mas, mais que sonhar novos mundos Hélio cria outros espaços dentro dos espaços sociais cotidianos. Os mundos que Hélio cria são mundos virtuais mas nem por isso menos reais, já que são experimentáveis.

Para Hélio, a vida em si mesma deveria ser o seguimento de toda experiência estética. Em carta ao crítico e amigo Guy Brett, Hélio fala de seu Projeto Barracão e diz que não quer mais separar sua experiência da vida real.

Sinto que a idéia – que tenho tido por algum tempo – cresce para a necessidade de uma nova comunidade, baseada em afinidades criativas, apesar da diferença cultural ou intelectual, ou mesmo sociais e individuais. Não falo de uma comunidade para ‘fazer obras de arte’, porém de algo como experiência na vida real – todo tipo de experiências que poderia se desenvolver em um novo sentido de vida e sociedade – uma espécie de construção de ambiente para a vida em si mesma baseada na premissa de que energia criativa é inerente em todo mundo. O ponto objetivo seria construir uma casa de madeira tal como na favela, onde as pessoas sentiriam como seu lugar ou lugar delas (...) Como um

todo, este espaço seria uma espécie de espaço aberto, um ambiente para a experiência criativa de toda forma imaginável. (Oiticica apud Lima, 2009).

Para finalizar

Camadas dessa imagem que Hélio cria com seu Projeto Barracão parecem hoje se atualizar em inúmeras práticas por todo o Brasil, muitas delas no campo da Saúde. Assim, música e poesia se fazem presentes nas terapias comunitárias; teatro, brincadeiras e palhaços invadem os hospitais; ateliês e oficinas das mais diversas atividades se constituem em CAPS, CECCOS e UBS; a cultura popular se faz presente em nossos equipamentos de saúde.

No Curso de Terapia Ocupacional da USP, em parceria com equipamentos de saúde – UBS, CECCOS, CAPS, Hospital Universitário - e projetos no território da cidade – Coral Cidadãos Cantantes, Cia Teatral Ueinzz, Associação Morungaba – temos desenvolvido um conjunto de ações de caráter transdisciplinar que articulam pesquisa, ensino e atenção à comunidade. No Programa Permanente de Composições Artísticas e Terapia Ocupacional – PACTO – oferecemos à comunidade atendimentos na interface arte/saúde na perspectiva da terapia ocupacional, articulando processos de criação, produção cultural, promoção de saúde, inserção social.

(As imagens que foram projetadas aqui são de trabalhos de Hélio Oiticica, Lygia Clark, Leonilson, Rafael, Fernando Diniz, Emigdio, Wanderley Silva, Vanusa, Cassiano, Andréa Bonassi - ou ainda de coletivos: grupos do Pacto, grupos que trabalharam com Lygia Clark, outros que se reúnem na UBS Jd de Abril através do Programa de Reabilitação Baseada na Comunidade do Curso de TO da USP. Nossa intenção foi provocar através das imagens uma sensibilização para esse campo da produção cultural tomado como plano do coletivo).

No campo da Terapia Ocupacional e nos universos da Saúde e da Cultura acontece hoje uma ampliação das possibilidades de atuação de profissionais conectados às questões da produção cultural em projetos transdisciplinares que se preocupam com a construção de redes sociais inclusivas e com a produção de subjetividade, dando lugar a práticas na interface saúde e cultura. (Angeli et al., 2008).

A proliferação de experiências nesta interface, que tem se dado nos últimos anos, somada a uma política cultural sensível, abriu no Ministério da Cultura espaço para a valorização e afirmação da importância cultural da produção que tem se dado no campo da saúde.

Em cada uma dessas práticas pode se dar a construção de propostas que se conectam de forma cooperativa ao seu entorno, abrindo espaço para o encontro e a experiência da criação e instaurando formas de resistência contra o isolamento e o desenraizamento característicos do mundo contemporâneo. Em muitas delas investe-se na ampliação da capacidade de cada um de criar e agir, na ampliação de suas relações com o mundo e com os outros, promovendo a valorização das dimensões subjetiva e coletiva da vida, dimensões que são simultaneamente ativadas na experiência estética.

São espaços outros, heterotopias – “espécies de utopias efetivamente realizadas”, como nos propõe Foucault (2001) –, espaços de *encontro-afetos-conversas* como diz Ricardo Teixeira (2005), que possibilitam uma conexão com a potência de criação e sua conseqüente produção de saúde.

A saúde no mundo contemporâneo talvez esteja aí: nesses e em tantos outros espaços que buscam escapar ao estado de coisas dado, constituindo linhas de diferenciação que afirmam a vida naquilo que nela não se deixa aprisionar, sua qualidade de indeterminação, sua capacidade de reinventar-se, tomar novas forma e fazer-se vida qualificada. Vida como *bios*, a qual Aristóteles se referia dizendo que é de certa forma uma espécie de *práxis*; vida na qual o fato biológico não pode ser tomado e tratado de forma desarticulada de dados culturais, históricos, estéticos, econômicos, políticos; vida que, em sua multiplicidade, não pode ser pensada em separado dos infinitos modos de vida. (Lima, 2004).

Para Gastão Campos (2005) falar de humanização na saúde coloca imediatamente em pauta o tema de defesa da vida. Como política transversal, que deveria atravessar todas as práticas em saúde, a humanização pode se articular a práticas culturais e artísticas para produzir neste processo e a um só tempo a saúde e os sujeitos aí implicados. Para Regina Benevides e Eduardo Passos (2005), “pensar a saúde como experiência de criação de si e de modos de viver é tomar a vida em seu movimento de produção de normas e não de assujeitamento a elas.” Entendida como experiência concreta de *um homem*

em processo de produção de si e de sua saúde e de novos territórios existenciais, como nos propõe os autores, a humanização possui um caráter estético, ético e político, envolvendo a dimensão da criação, da responsabilidade com aquilo que é criado e com a produção do comum que nesse processo se instaura.

BIBLIOGRAFIA

- ANGELI, A.A.C.; CASTRO, E.D.; INFORSATO, E.A.; LIMA, E.A. Uma proposta de formação em Terapia Ocupacional e as Ações na Interface da Arte e da Saúde. Anais do XI Encontro Nacional de Docentes de Terapia Ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da USP**, n. especial. 2008.
- BENEVIDES, Regina & PASSOS, Eduardo. A humanização como dimensão pública das políticas de saúde. **Ciência & saúde coletiva**, vol.10 no.3. Rio de Janeiro July /Sept. 2005
- _____. Humanização na saúde: um novo modismo? **Revista Interface**, v.9, n.17. Botucatu, mar/ago 2005.
- CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. Humanização na saúde: um projeto em defesa da vida? **Revista Interface**, vol.9 no.17. Botucatu mar/ago 2005.
- FAVARRETO, Celso. **A invenção de Hélio Oiticica**. São Paulo, Fapesp/Edusp, 2000.
- FAVRE, Regina. **Um agenciamento conceitual para honrar e estimular a biodiversidade subjetiva**: um modo político de ensinar e experimentar a Anatomia Emocional de Stanley Keleman. São Paulo: *Laboratório do Processo Formativo*, 2008.
- FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: **Ditos & Escritos III – estética**: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- GUATTARI, Félix. Práticas ecosófica e restauração da cidade subjetiva. Trad. Andrea Morais Alves. **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, 116: 9-26, jan/mar 1994.
- _____. **As três ecologias**. 15ed. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papyrus, 2004.
- GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- LIMA, Elizabeth M.F.A. **Arte, clínica e loucura**. São Paulo: Summus, 2009.
- _____. **Crossing borders and inhabiting margins**: clinics and politics in Lygia Clark's and Hélio Oiticica's poetics. University of the Arts, London. UK. 2009. (inédito)
- _____. Dogville: quando a vida é reduzida a um ciclo interminável de produção e consumo. **Revista Interface**, vol.8 no.15. Botucatu mar/ago 2004.
- OITICICA, Hélio. **Aspiro ao grande labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- TEIXEIRA, Ricardo R. Humanização e Atenção Primária à Saúde. **Ciência & saúde coletiva**, vol.10 no.3. Rio de Janeiro Jul/Set 2005.
- WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1975.